

Março
Abril
de 1969
—
Publicação
mensal

Estudos

Série M 2

N.º 2

Esta série, (que é distribuída gratuitamente aos Médicos), tem tido grande aceitação. Pedimos aos Ex.^{mos} Médicos que a queiram receber, regularmente, o favor de nos fazerem a respectiva comunicação.

Psicologia e educação

O SENTIDO DA VIDA — IV

AS TRANSFORMAÇÕES BIOLÓGICAS E PSICOLÓGICAS QUE PREPARAM O MUNDO SOCIALISTA

A transformação social da «era industrial» —

A selecção natural das «aptidões» — Comple-

mentariedade das classes e mutações demográ-

ficas — Formação das «infra-sociedades» —

A grande mutação demográfica da «Europa
comerciante»

A «RACIOLOGIA» E OS PROBLEMAS DO «RACISMO»

Psicologia racial e mentalidade étnica — O «ca-

rácter nacional» e a «personalidade de base»

— Processos fundamentais da formação das

«etnias» — O fenómeno linguístico é uma fun-

ção psicossomática da Raciologia

A INFERIORIZAÇÃO DA CRIANÇA

A inferiorização pessoal e suas modalidades

A inferiorização social — Os inferiorizados «fa-
miliares»

A ACÇÃO DO ÁLCOOL E DO TABACO SOBRE O CORAÇÃO E SOBRE O FÍGADO — II

Os efeitos fisiológicos do óxido de carbono,

produzido pela combustão do tabaco — As pri-

meiras modificações provocadas pelo álcool

no fígado

PUBLICAÇÃO MENSAL

Director — Dr. F. CORTEZ PINTO

Administrador e Proprietário — Dr. HUMBERTO DE MENEZES

Editor — ANTÓNIO J. LEITE SARAMAGO

Redacção e Administração — RUA CUSTÓDIO VIEIRA, 1 ou Apartado 2219 — LISBOA

Composição e Impressão: Soc. Ind. Gráfica — Rua de Campolide, 133-B — LISBOA

Sala C
Est. 12/10
Tab. 19
N.º

Penampla

Penicilina de amplo espectro,
activa por via oral e parenteral

A Penampla representa o regresso da penicilina à posição cimeira entre os antibióticos maiores.

O seu grau de eficácia
comprovativa pode
exprimir-se

em **3** PONTOS
BASILARES

- 1.º — Tão activa contra os cocos Gram-positivos e Gram-negativos, como a Penicilina G e, portanto, mais activa do que qualquer outro antibiótico.
- 2.º — Activa contra a maioria dos germes Gram-negativos em grau, pelo menos equivalente ao dos antibióticos de amplo espectro mais eficazes.
- 3.º — Bactericida, em vez de bacteriostática.

Conclui-se, portanto,

que Penampla constitui o maior dos 'antibióticos maiores'

O seu valor farmacológico relativo pode deduzir-se

dos **3** PONTOS
FUNDAMENTAIS

- 1.º — É estável no suco gástrico e bem absorvida por via digestiva.
- 2.º — Ao aumento das doses ministradas corresponde aumento proporcional dos níveis sanguíneos. A concentração máxima obtém-se em volta das 2 horas e mantém-se cerca de 6 horas sem decréscimo apreciável.
- 3.º — É talvez de todos os antibióticos o que tem menos tendência a acumular-se nos tecidos.
 - a) A sua concentração na urina é 800 vezes mais elevada do que no sangue.
 - b) A sua concentração na bils é 300 vezes mais elevada do que no sangue.
 - c) 98 % do antibiótico é eliminado 8 horas após a administração.

Requisitar literatura ao Laboratório Sanitas

Director — Dr. F. CORTEZ PINTO
Administrador e Proprietário — Dr. HUMBERTO DE MENEZES
Editor — ANTÓNIO J. LEITE SARAMAGO
Redacção e Administração — RUA CUSTÓDIO VIEIRA, 1 ou Apartado 2219 — LISBOA
Composição e Impressão: Soc. Ind. Gráfica — Rua de Campolide, 133-B — LISBOA

Psicologia e Educação

O «SENTIDO DA VIDA»

IV

Esta série de artigos, baseados sobre as lições de Adler, tendem a esclarecer a nossa opinião sobre o *sentido da vida* e, como dissemos, sobre os meios de caminharmos bem, de progredirmos, de sermos bem aceites pelo meio em que vivemos e de nos sentirmos satisfeitos por sabermos que *estamos a caminhar bem...*

Para averiguar a opinião individual com que devemos enfrentar os problemas da vida e, principalmente, para podermos descobrir o sentido íntimo que esta nos pode revelar, devemos estudar todos os elementos que ela nos vai fornecendo.

O «sentido da vida» mostra-se na inevitável resistência contra tudo quanto choca o indivíduo quando actua equivocadamente, ou quando actua mal.

Os estudos sobre a vida começaram quando se principiou a filosofar. A psicologia foi uma arte inocente até que se incorporou com a filosofia; das duas ciências e com a da antropologia é que se fundaram as raízes do conhecimento científico do homem.

Nos primeiros tempos, quem formou a alma do indivíduo foram os filósofos, os poetas e os moralistas. Os alvares da época do tecnicismo, levaram o método experimental ao seu apogeu. Com a ajuda de instrumentos e de interrogatórios cuidadosamente preparados, elaboram-se os *testes* para examinar as funções sensoriais da inteligência, o carácter e a personalidade. Porém, com este tecnicismo perdeu-se a visão da personalidade no seu conjunto.



Mais tarde, o estudo sobre a hereditariedade esforçou-se por demonstrar que tudo depende da posse das aptidões e não do seu emprego; este estudo foi completado com o da influência das glândulas de secreção interna sobre o organismo.

Mais tarde ainda, a psicanálise veio projectar para a superfície, as conclusões da psicologia; assim, o *libido sexual* foi apresentado como o guia onipotente do destino humano (*Freud*). Apesar dos exageros de *Freud* devemos confessar que a psicanálise, representou um esforço considerável para ler nas linhas da consciência; mais um passo para descobrir o caminho da vida.

A psicanálise demorou-se no estudo dos meninos amimados. A sua técnica encaminhou-se para pôr em relevo, com uma paciente energia, a íntima relação do *libido sexual* com os movimentos expressivos e a pôr em evidência a explicação dos actos humanos pelos impulsos sexuais do homem. Há muitos erros nas teorias freudianas, mas têm que se considerar quando se faz o estudo da psicologia humana.

Adler considera todo o anelo humano como uma tendência para a perfeição. É uma tendência que nos nobilita e nos mostra a finalidade superior da vida. O *impulso vital* está ligado, tanto física como moralmente, a essa tendência para a perfeição. Toda a manifestação psíquica, aparece pois como um movimento que conduz de uma situação inferior para outra superior.

As «leis de movimento» que, com relativa liberdade no emprego das suas faculdades inatas, uma pessoa marca a si próprio no princípio da vida, são completamente diferentes para cada homem, pelo que respeita ao tempo, ao seu ritmo e à orientação; no entanto tendem todas para conseguir a perfeição, pois os desvios desta linha, como mostrámos no artigo anterior, são sempre determinados por erros psicológicos ou de educação.

Todas as épocas da civilização contribuíram para a formação deste ideal, dentro do âmbito das ideias e sentimentos de cada época. Devemos admirar a capacidade de concepção dos tempos antigos, que souberam estabelecer os ideais básicos da convivência entre os homens. Chega a parecer impossível como se venceu o egoísmo primitivo até aceitarmos como regra, o «não matarás» e «ama o teu próximo» e, suceda o que suceder nestas guerras de adaptação a novas fórmulas, aquelas regras já não poderão desaparecer do saber e do sentir humanos, como pensamentos supremos.

Estas e outras normas da consciência, resultantes da evolução da humanidade e já tão vinculadas à nossa natureza, como o respirar ou andar, podem sempre ser compreendidas para se estabelecer a ideia de uma humanidade perfeita; são as regras do motor e da meta final do nosso caminho como seres sociais.

Se quisermos estabelecer um plano para fazermos uma investigação psíquica em uma pessoa, teremos de partir de três pilares básicos e investigar a acção de cada um deles na formação actual da personalidade em observação. Os três pilares são, sucessivamente:

1.º — *O sentimento de inferioridade*; investigar quando principia, porquê, como se desenvolveu, e o que causou a sua diminuição, agravamento ou abolição.

2.º — *A tendência para a superiorização*; investigar se existe ou existiu, as suas causas e efeitos e quanto tempo durou ou se ainda permanece.

3.º — *O sentimento da comunidade*; verificar se já existe e desde quando principiou a estabelecer-se e como se manifesta.

Se se quiser fazer a investigação psíquica de um meio, de uma povoação ou de um país, teremos de fazer uma grande soma de inquéritos em pessoas de classes diferentes, separá-los por grupos e tirar as conclusões finais.

Como já dissemos, o trabalho de construção intelectual e, ao mesmo tempo, emocional, do estabelecimento de uma norma de vida no decurso da evolução de uma pessoa, é trabalho que se executa durante a infância; a noção de firmeza só aparece mais tarde.

A técnica para o estudo da «Psicologia individual» deve começar pelo conhecimento dos problemas da vida e, a seguir, das exigências que esses problemas impõem ao indivíduo, desenvolvendo os sentimentos de comunidade, de identificação com a totalidade da vida e da capacidade de colaboração e de sentir a solidariedade humana.

Se lhe faltar a capacidade de sentir ou de praticar esses sentimentos, é fácil aparecerem sintomas do complexo de inferioridade, com a sua sorte de consequências, que se apresentam em geral por atitudes vacilantes e evasivas. O incansável desejo de *superioridade*, trabalha para dissimular aquele complexo, procurando criar o «complexo de superioridade» que aspira a conseguir uma superioridade aparente, prescindindo sempre do «sentimento de comunidade».

Estudados todos os fenómenos que se apresentam nos casos de fracasso, verificamos que é preciso procurar na primeira infância as causas da falta de preparação para estabelecer o *caminho na vida*. O papel do educador, do mestre ou do médico está aqui rigorosamente indicado, que é o de fortalecer o sentimento de comunidade e levantar o estado de espírito de uma pessoa hesitante ou diminuída, fazendo uma clara demonstração das verdadeiras causas que geraram o erro, o descobrimento da «opinião» equivocada, que deu lugar a um sentido errado de que a pessoa pensou ser a vida.

Esta tarefa não pode ser realizada por um educador se lhe faltar um conhecimento profundo dos problemas da vida e uma compreensão clara

da pequena participação do «sentimento de comunidade» nos complexos de inferioridade, de superioridade e em todos os outros tipos de *desvio da conduta*.

Os caminhos que o educador tem de ter sempre presentes para fazer o estudo de uma personalidade e da maneira de actuar principiam por uma ampla compreensão das primeiras recordações da sua infância, da posição que a criança, em relação com a sua idade, ocupou em relação aos seus irmãos, os seus sonhos, as fantasias diurnas, as faltas eventuais e as características do factor exterior que foi provocando o transtorno do caminho natural. Todos os resultados obtidos com esta investigação, que engloba mesmo a atitude da criança em relação com o médico ou com o educador, devem ser consideradas com o maior cuidado, procurando as faltas de harmonia entre a marcha normal no sentido da vida e os fenómenos que a puderam alterar.

Como os leitores verificam, vamos estudando a marcha normal no sentido da vida e as causas que podem originar desvios nesse caminho, que se reflectem perigosamente na capacidade do indivíduo para a «luta pela vida». O problema continuará sendo estudado em detalhe nos artigos seguintes para depois chegarmos às conclusões, que tanta importância têm para o esclarecimento da tarefa e da responsabilidade dos pais, dos mestres e de todos os que têm de cultivar a criança, como uma planta, para que esta se torne forte e vigorosa, bem preparada para a «luta pela vida» e das responsabilidades que muitas vezes tiveram em não a saberem preparar.

CURIOSIDADES

A juventude tem pouca noção da sua própria mortalidade

Os serviços oficiais americanos calculam que, em cada dia, 4500 jovens começam a fumar. E os serviços de Saúde Pública julgam que o aumento de mortes causadas pelo cancro do pulmão e outras doenças do aparelho respiratório se relaciona com o facto de se começar a fumar cada vez mais cedo.

Um dos problemas dos estabelecimentos de ensino é convencer os jovens de que o fumo os pode matar, porque geralmente a juventude «tem pouca noção da sua própria mortalidade» — esclarece a Associação Nacional de Educação.

«A morte é uma coisa que só acontece às outras pessoas. Na verdade, quando se tem 15 ou 16 anos, a ideia de chegar aos 50 é pouco real» — escreve-se na revista daquela associação.

Numa escola do Wisconsin organizou-se um clube antifumo, que tem delegações em vinte escolas, com um total de 1500 sócios. Quando um estudante que fuma oferece um cigarro a um sócio deste clube, dizendo-lhe que «todos fumam», o sócio deve responder-lhe: «Pertencço a um grupo de 1500 estudantes que não fumam».

A associação Nacional de Educação julga, porém, que o elemento principal de qualquer programa contra o cigarro é uma demonstração clara dos efeitos reais do fumo sobre os tecidos humanos.

«Nenhuma destas actividades terá valor, se não houver uma compreensão profunda e científica do que o fumo pode fazer às células do corpo» — declarou um dos directores do projecto. — (ANI).

AS TRANSFORMAÇÕES BIOLÓGICAS E PSICOLÓGICAS QUE PREPARARAM O «MUNDO SOCIALISTA»

XII

A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL DA «ERA INDUSTRIAL»

Depois de estudarmos a formação e constituição das várias sociedades que precederam a sociedade actual, vamos ocupar-nos da perturbação ética da «era industrial».

Na alvorada do desenvolvimento industrial que impôs às nações, especialmente às massas de trabalhadores, novos horizontes, formou-se uma nova filosofia materialista, baseada sobre um sistema de segurança recíproca, fundada sobre os lucros do trabalho humano, mas de princípio reservada aos executores desse trabalho; *Engels* dizia «O trabalho cria o homem»; nos termos modernos, os economistas, os sociólogos, os políticos, os administradores, seja qual for a diferença das culturas no seio das quais fizeram a sua formação, parece que se juntaram na mesma síntese racional de todas as classes da humanidade, quer antigas ou modernas, em um conceito de uma segurança social absoluta, correspondente à esperança internacional concretizada na «Declaração dos direitos do homem».

A esta segurança social universal, opõe-se na época actual, um crescimento demográfico que é uma catástrofe mundial; só os progressos consideráveis na ciência e os técnicos poderiam estar em condições de procurar resolver os problemas de uma saturação do mundo, que nem mesmo um colectivismo muito perfeito seria capaz de controlar e dominar.

Com a época industrial» novos problemas surgiram com o gigantismo das cidades e as sociologias baseadas na filantropia, caridade e boa vontade foram ultrapassadas pela necessidade de encarar os novos problemas sociais.

Desde Hegel até Augusto Comte, Saint-Simon, Fournier e Le Blanc até Prudhon, muitos filósofos e sociólogos, escritores e jornalistas, idealistas ou materialistas, durante o século XIX, pressentiram os problemas da era industrial. Mas a maior parte destes autores concebiam a socialização como um processo automático, progressivamente inevitável, uma refusão, mais ou menos diferenciada, das diversas classes sociais em um equilíbrio numérico das novas estruturas. Muitos socialistas do atormentado século actual, admitiam o princípio de uma «revolução cultural», sem admitir a necessidade de ela ser feita depois de uma revolução sangrenta.

Esta metamorfose pacífica foi negada pelos defensores da revolução como Karl Marx e Engels. Baseados sobre um materialismo dialéctico, de que a intransigência incondicional assegurava uma solidez psicológica nunca igualada até então, a grande tragédia política que começou no dealbar do mundo moderno foi condicionada, não por uma simples verificação dos antagonismos de classes, mas pela afirmação apresentada por esta nova doutrina, de que a humanidade devia ser transformada a favor das massas proletárias, injustamente deserdadas, e que esta revolução só poderá ter sucesso depois de uma luta aberta, encarnçada e irremediável dos «explorados» contra os «exploradores».

A propaganda dos meios violentos contra a transformação social livremente acordada, progressivamente pelas classes, em uma política de colaboração social, explicava que o ambiente sórdido das cidades industriais superpovoadas, devia ser transformado e que essa transformação não poderia conseguir-se senão por meios violentos. A civilização, os bens culturais ou espirituais e até os conhecimentos científicos, diziam, têm estado partilhados em dois lotes distintos e era útil criar um «Anti-ideal do Nós», que representa uma força psicológica-dinâmica, para alimentar a luta de classes.

Sejam quais forem as convicções íntimas da personalidade privada de um homem de ciência, de um psicólogo ou de um erudito, seja qual for a posição filosófica que actualmente satisfaça a serenidade ou o equilíbrio psíquico de pessoas ligadas por responsabilidades de ordem social, familiar ou humanitária, o «fenómeno socialista» é uma força que se deve ter em conta e que é necessário considerar. Ele é o principal factor histórico do final do século XX e poderá conduzir-nos para o «melhor» ou para o «pior», em conformidade com o equilíbrio que se formar com o fenómeno, mais importante ainda, que caracteriza o século actual, que é a ciência com toda a amplitude dos seus progressos técnicos.

Para melhor se poderem compreender os mecanismos desta metamorfose social e as reacções psicológicas, individuais ou colectivas que as acompanham, estudaremos, a seguir, o «problema das classes sociais».

OS PROBLEMAS PSICOLÓGICOS DA SOCIABILIDADE

A selecção natural das «aptidões»

Complementariedade das classes e mutações demográficas

Já vimos atrás que o tipo da «sociedade feudal» se exprime por equilíbrios extremamente complexos entre a pluralidade das hierarquias dos agrupamentos e dos regulamentos sociais, que implicavam ligações de dependências precoces, fundadas sobre a troca de benefícios e de dedicações mútuas entre suzeranos, vassallos e sub-vassallos e de quem a servidão dos plebeus assegurava os rendimentos.

Sabemos igualmente que, desde as primeiras civilizações, quanto maior era a sociedade formada por maior número de indivíduos, maior era a diversificação e a especialização nas tarefas e misteres e mais se tornavam exclusivas as classes profissionais, que se tornavam fechadas e às vezes secretas, para melhor salvaguarda dos interesses de cada grupo específico.

As aptidões e os temperamentos constitucionais dos indivíduos servem geralmente de factores eliminatórios naturais para a escolha dos que passavam a «ter direitos», de maneira que, fossem quais fossem as origens étnicas dos grupos em presença, estes tiveram no decurso dos séculos, tendência para reforçar, por uma inorgânica de classe, os caracteres hereditários favoráveis aos géneros de vida e às profissões correspondentes.

Este fenómeno junto ao da «psicosociologia das afinidades», particularmente estudada por J. Maisonneuve, assim como as leis da «escolha dos casamentos», nas quais está estatisticamente demonstrado que a *simpatia* e, com maior razão, as *uniões conjugais* se fazem, sobretudo e muito especificamente, dentro da mesma educação e da mesma mentalidade.

No seio das populações cosmopolitas, estas coincidências psicobiológicas predominam sobre as diferenças raciais, de maneira que, por exemplo, um burguês rico, ou um nobre, mesmo um rei, casará mais voluntariamente com uma estrangeira da sua classe (ainda mesmo que de raça ou cor diferente) do que com uma trabalhadora rural do seu país. Da mesma forma, se todas as jovens aldeãs sonham, como nos romances, casar com o príncipe encantador, a experiência mostra que o seu verdadeiro amor é natural despertar, depois da simpatia, por um jovem camponês da sua terra.

Podemos concluir, pelo menos até à época contemporânea, que além das mentalidades, que Karl Marx e Engels pensavam que se iriam transformar, em relação à formação das classes diferentes, existem igualmente factores somáticos, que dependem de um longo processo de selecção sexual. Isto não exclui que, na complexidade das acções hereditárias e nas perturbações históricas que fazem a refusão dos povos entre si, exista sempre, seja qual for o meio humano, uma percentagem de nascimento de «pessoas não conformistas». Estas, que se põem frequentemente em conflito com os seus familiares, deixam-os para procurarem o género de existência susceptível de corresponder ao seu próprio temperamento.

Mas, segundo a nossa opinião, é impossível explicar as causas profundas da luta de classes sem considerarmos a *caracteriologia*, mais ainda que os factores estritamente sociais ou económicos. Estes factores dependem, em grande parte, mais dos comportamentos espontâneos, ligados à tipologia psicossomática, que não depende de fenómenos sociais, com excepção do efeito selectivo.

Formação das «infra-sociedades»

Como atrás dissemos, na Idade Média já se distinguiam as hierarquias dos agrupamentos patrimoniais, militares e eclesiásticos, muito severamente seleccionados e verificámos que as «cidades livres» formavam entre os séculos X e os XIV ou XV as grandes bases para a formação das «infra-sociedades».

Estas tornavam-se tanto mais fechadas e exclusivas quanto melhor se opunham à compenetração dos servos fugitivos de outros meios, que fugiam aos rigores e castigos dos senhores. Aquelas sociedades eram estruturadas por agrupamentos fraternais, de ordem económica, com as diferentes associações de profissões, compostas pedos grupos de «companheiros» e de «aprendizes» (que já recebiam os segredos da sua arte), classes de que se ascendia à classe superior de «mestre», com os seus juramentos solenes de iniciação e na promoção de classe e com as suas leis de «corporações», de artesãos (carpinteiros, pedreiros, alfaiates, ourives do ouro e da prata, sapateiros, etc.) bem como de artistas, de comerciantes, etc.

As universidades formavam incontestavelmente os meios mais poderosos, uma classe intelectual contra a qual os próprios Estados monárquicos não tinham grande influência, bem como nas Federações de Cidades. Estas federações espalharam-se por toda a Europa e até se escapavam à autoridade da Igreja, apesar de esta assumir um carácter de supranacionalidade.

No entanto, neste mundo dividido e profundamente materialista dos burgos, só a Igreja, em virtude do seu poder justiceiro considerável, pela abertura do seu ensino escolar ou universitário aos mais pobres, pelas suas fundações filantrópicas e hospitalares e, sobretudo, pelas suas ordens monásticas, serviam de refúgio a todas as pessoas inadaptadas à luta pela vida e por isso representava, até uma época recente, a única grande organização de «segurança social». Foi devido a este refúgio dos corpos e das almas, que a Igreja representava, que através quinze séculos de tragédias europeias, se pôde conservar uma certa coesão ética que assegurou a todas as nacionalidades um equilíbrio afectivo e uma cultura globalizada no espaço e no tempo, que constituiu uma gigantesca civilização temporal e moral, de que os próprios descrentes e adversários declarados beneficiavam.

A esta civilização iam seguir-se duas grandes mutações demográficas a que nos vamos referir, as da «Europa comerciante» e, depois, as da «Europa industrial».

A grande mutação demográfica da «Europa comerciante»

Desde o século IX, graças sobretudo à contribuição das cruzadas, começou a existir um comércio importante entre o Oriente e a Europa Ocidental (Génova, Veneza, etc.). Mas no século XIV, o desenvolvimento comercial da Europa do Norte começou a transformar a dinâmica das populações, especialmente pelo estabelecimento de uma confederação ou liga que, dois séculos mais tarde, controlava 80 portos e cidades da Europa, desde o Atlântico até à Rússia; conhece-se igualmente a importância que teve, graças aos progressos da construção e viagem das caravelas, a descoberta do mundo, especialmente pelos portugueses, depois pelos espanhóis e mais tarde pelos holandeses, franceses, etc., uns com o seu alargamento do comércio e acção missionária, outros atraídos pela pilhagem, como os corsários.

Com o nascimento do comércio mundial, o artesanato já não era suficiente para satisfazer as necessidades, sempre crescentes, de mercadorias e de matérias-primas. Os «mestrs-artesãos» passaram aos seus «companheiros» e «aprendizes», as técnicas que permitiam a fabricação dos artigos e do seu acabamento perfeito. Nestes ambientes de «pequenos grupos», o equilíbrio psico-afectivo do trabalhador era assegurado pelo sentimento de fazer parte da mesma *corporação*, da sua profissão, o que constituía um prolongamento da sua personalidade total. O «mestre» vivia intimamente com os seus «companheiros», nos trabalhos e estes sentiam-se obrigados a venerar, quem os promoveu socialmente pelo ensino, da mesma forma que os jovens artistas consideravam os seus professores.

As primeiras grandes empresas consistiram na reunião, sob um mesmo tecto e graças a um mesmo capital, de muitos grupos de profissões complementares, que convergiam para as mesmas missões complexas (tais como a construção de grandes navios ou, hoje, das carroçarias e peças de automóveis).

Com a necessidade de aumentar as oficinas e de empregar um número crescente de assalariados livres, às vezes formados demasiadamente rapidamente (problema que actualmente se agravou), os antigos patrões concluíram que algumas operações convinhavam mais a uns do que a outros operários e que a rentabilidade das empresas tinha de ser condicionada pela «divisão do trabalho». Assim foi criada, com as «fábricas», um mundo novo que ia transformar a mentalidade da classe trabalhadora, que se tinha praticamente mantido nos mesmos moldes, desde a Idade Média até aos fins do século XIX.

Este estado de coisas criou, particularmente, duas classes, a dos «operários especializados» e os «trabalhadores não classificados». Os aldeões e servos, que procuravam ganhar melhor e melhor segurança social, desde os tempos feudais até hoje, ou os mais ineptos ou man-

ESTUDOS

diões, passaram durante muito tempo a um estado de vagabundagem, para depois a pouco e pouco se empregarem em misteres inferiores. Passou-se para um afluxo aos centros populacionais maiores, que constituiu um flagelo para as cidades, progressivo conforme a sua importância.

Nestas condições, a significação humana da profissão, foi perdendo todo o interesse. O trabalhador conservava-se como estranho aos planos e o trabalho passou a não ser mais do que uma obrigação muito monótona.

Temos pois estudado as transformações psico-sociais que deram origem à transformação das sociedades, desde o mundo primitivo até ao princípio do século XX, transformação que segue uma evolução muito apressada.

No próximo artigo continuaremos a estudar esta transformação, principiando pelo problema da «dissociação psicológica do complexo «homem-trabalho»».

CURIOSIDADES

Como a gente cresce— Nos rapazes, o ano de maior crescimento é o 17.º; nas raparigas é o 14.º. Estas alcançam, em geral, a sua plena altura aos 15 anos; mas aumentam o peso até aos 20.

Os rapazes são mais fortes do que as raparigas desde o berço até aos 11 anos; tornando-se estas, então, fisicamente superiores a eles até aos 17, idade em que a proporção se inverte, passando a superioridade física para eles e ficando assim.

De Novembro a Abril as crianças crescem pouco e não ganham peso; de Abril a Junho ganham em altura, mas perdem em peso; de Julho a Novembro aumentam muito no peso, mas não em altura. — De «A Capital».

● A diferença entre um milhão e um bilião pode exprimir-se da seguinte forma: um milhão de segundos dura doze dias; um bilião de segundos, cerca de 30 000 anos. — De «A Capital».

*A pele áspera e doentia,
torna-se em macia e aveludada,
usando o*

Sabonete Sanoderma

(útil no banho das crianças, cuja pele é muito sensível)

A «RACIOLOGIA» E OS PROBLEMAS DO «RACISMO»

IV

Vamos continuar com este estudo, que já ocupou três artigos e cujos aspectos nos obrigam a desenvolvê-lo mais detalhadamente.

Tratámos no número anterior, os seguintes estudos: — «O futuro de uma raça», «Mestiçagem» e «Mestiçagem e caracteriologia mental». Vamos continuar o estudo.

Psicologia racial e mentalidade étnica

R. Martial (na «La Race Française») diz: — A história antropológica das raças mostra-nos que elas concorreram para a formação dos povos actuais e que a resultante dos seus diversos cruzamentos, produziu entidades psicológicas nitidamente diferenciadas, às quais se dá o nome de «etnias». Uma etnia, um povo, é a resultante dos cruzamentos de várias raças ou partes de raças e é fácil verificar que os povos contemporâneos têm diferenças profundas, que separam as etnias assim formadas; estas diferenças exprimem-se muito mais pela psicologia do que pela anatomia porque, num mesmo povo, pode haver anatomias diversas, porque provém do cruzamento de várias raças, mas há uma psicologia igual. Um exemplo evidente, é a diferença de psicologia que há entre os povos anglo-saxões, os escandinavos, os judeus, os arménios, os franceses, os flamengos, os espanhóis e os portugueses.

Martial, pôs em evidência as relações que existem entre os componentes raciais destes povos e os novos tipos étnicos, frutos dos seus cruzamentos; e explica os caracteres psicológicos específicos a cada um pela formação da mentalidade de uma colectividade, que é geralmente a resultante das personalidades dominantes que a foram diferenciando. Ora, hoje pensa-se que a formação de uma personalidade pode ser fortemente condicionada por factores exógenos do meio ambiente e pela educação; um negro e um branco podem chegar a adquirir com o tempo e educação, duas personalidades muito semelhantes, como se verifica no espaço português.

Uma sociedade forma-se sempre em um certo meio, em que o número dos tipos humanos é limitado. A maneira de andar, de se exprimir, pacificamente ou apaixonadamente, afecta as partes moles da face, dando às pessoas de tipos diferentes, maneiras de ser semelhantes, que se vão aperfeiçoando e aproximando; isto é facilmente verificado na província de Macau, onde filhos de portugueses europeus, amamentados e acompa-

nhados por amas, criadas e professores chineses, adquirem caracteres morfológicos muito parecidos. A convivência prolongada de tipos de diferentes aspectos físicos, civilização e língua, vai fundindo estas diferenças e modificando o jogo dos músculos da face, por imitação, a ponto de formar uma sociedade característica.

O «carácter nacional» e a «personalidade de base»

Para que se possa delimitar um «carácter nacional», o que parece ser evidente para todos os turistas, mesmo pouco eruditos, que percorram o mundo, é necessário poder isolar os denominadores comuns. Ora o «genotipo», não é mais do que uma componente real, mas não indispensável; os cruzamentos originam criações morfológicas particulares.

A personalidade de um homem é caracterizada pela resultante de três componentes.

1 — Uma entidade genética (hereditariedade familiar, racial, constitucional) responsável por um temperamento psicossomático.

2 — Uma impregnação físico-química do meio ambiente (de que a combinação com o genotipo de base é responsável pelo seu carácter fenotípico).

3 — Uma influência educativa (que determina um condicionamento psíquico e fisiológico do carácter).

Este complexo tri-dimensional limita, em relação ao meio social ambiente, uma personalidade particular que, em simbiose com a colectividade a que pertence, partilha geralmente a «mentalidade». É esta «mentalidade colectiva» que, acima das personalidades individuais, determina o carácter de uma nação e, por extensão, a personalidade particular de cada nacionalidade.

Esta personalidade, sintética e diferencial, depende em grande parte da função «sugestão-imitação-hábito». Os elementos heterogêneos (raças de cores diferentes, emigrantes de origens diversas, assimilados) podem, com efeito, adquirir perfeitamente a mentalidade e muito exactamente o seu comportamento e mesmo as suas reacções; esta personalidade deve ser normalmente o reflexo da composição dos temperamentos de base dos indivíduos originários da etnia.

No entanto, o retrato psicográfico de uma nação nunca é a resultante matemática do conjunto dos cidadãos que a compõem; certos temperamentos, pelo seu autoritarismo, são mais aptos do que os outros, para «educar» os compatriotas dotados de um carácter mais fraco, influenciável e modelável.

Em um povo composto na sua grande maioria por indivíduos amorfos, apáticos, sem vontade, mas animado por uma minoria de coléricos e de sanguíneos, o carácter nacional arrisca-se muito a ser marcado pelos

elementos mais espectaculares e brilhantes que os asténicos acabarão por imitar, ou para lhes mostrarem a sua adesão ou por obediência. Pelo contrário, se uma nação for composta em partes iguais, por nervosos, sentimentais, apaixonados e coléricos, a sua personalidade colectiva será sobretudo qualificada em relação com o denominador comum que caracteriza estes quatro temperamentos, isto é, a emotividade. Dir-se-á que se trata de um povo emotivo, independentemente de todos os outros factores, variáveis.

Processos fundamentais da formação das «etnias»

Os agrupamentos humanos primitivos apresentam-se sempre em um estado fluido, que tende normalmente a estabilizar-se em particularidades mais ou menos duráveis que, se as condições favoráveis o permitirem, se cristalizaram em verdadeiras «etnias».

Nos tempos arcaicos, em que uma raça podia apresentar uma tipologia muito monovalente, esta fica aberta a todas as influências. Em virtude dos cruzamentos variados, realiza-se uma assimilação de qualidades variadas, com choques psico-sociais por vezes; e daí resulta um novo povo cosmopolita, mais valioso, por o seu potencial aumentar pela adição de duas culturas; a combinação diferencial das novas criações que daí resultam, conduz a um estado de maturidade superior. Melhor adaptado ao seu meio pelo enriquecimento das suas aptidões, o novo complexo terá tendência para «consolidar a sua aglutinação». É assim que se vão formando os povos e as sociedades aumentam o seu valor.

Quando os proto-historiadores consideram a evolução particular dos Germanos, dos Celtas e dos Eslavos e os seus processos de organização, que foi universal sobre cerca de dez mil quilómetros de extensão, ficam impressionados pelo factor de uniformização que os caracteriza. Este fenómeno não pode ser ligado, em tão larga escala, senão a um factor de simpatia recíproca, de trocas e de inter-imitação, por uma atracção atávica que podem sentir os povos que se assemelham, para se unirem contra outros povos dissemelhantes. Estes povos dissemelhantes podem ser os descendentes marginais de duas raças componentes, que permaneceram puras (como os Hamitas africanos em relação com os Hamitas europeizados).

Esta simpatia atávica, quando não defronta um inimigo comum, pode ir desaparecendo e até desaparecer com as guerras entre si e com os processos de desagregação. São estas roturas da monotomia que condicionam a evolução das etnias e a especialização psicodinâmica das novas colectividades.

Nas províncias ultramarinas de Portugal, o bom entendimento psicológico, está contribuindo para uma boa assimilação das raças.

**O fenómeno linguístico
é uma função psicossomática da Raciologia**

Uma língua primitiva, sem gramática, como a que parece ser a expressão espontânea de uma criancinha, só mobiliza um pequeno número de movimentos da faringe e da boca. Como mostra o Prof. Husson, para as línguas modulantes, como o chinês, a expressão de um pensamento pela palavra só interessa um reduzido número de esquemas corporais faringo-bucais; a repetição das retenções da memória, parece exigir o emprego de acções múltiplas no seio dos metacircuitos do cérebro.

O mesmo não se dá, como acentua o Prof. Husson, com as línguas flexionais, declináveis, conjugáveis, como as do grupo ariano, que «já interessam uma multiplicidade de estereótipos funcionais faringo-bucais» e implicam uma multidão equivalente de esquemas corporais faringo-bucais, o que é muito mais complicado. A psicologia da relação «significante-significado» é baseada sobre uma associação condicionada pela observação ou pela educação e é particular dos organismos cerebrais dos animais superiores.

A linguagem simbólica não é exclusiva dos homens. Esta linguagem pode ser somente visual ou odorífica; pode também ser feita só por gestos (como nos mudos), ou uma execução coreográfica. Até no estilo musical ou gráfico, se pode reconhecer um paralelismo entre uma expressão verbal normal de flexão gramatical e uma linguagem tónica e modulante.

É neste aspecto que o pensamento humano arrasta mecanismos cerebrais muito mais complexos.

Existe mesmo um processo psicodinâmico diferencial entre uma simples expressão de sons musicais ritmados em grupos (esquema aglutinante) a que são sensíveis muitas espécies de animais superiores — mesmo se não forem capazes de os reproduzir, como o chimpanzé — ou mesmo reproduzindo-os, como muitos homens que, da música, só sentem o ritmo, e uma obra sinfónica, com regras conjugáveis, declináveis, que os selvagens não sabem sentir.

A psicopatia (destruições traumáticas, ataques, degenerescência senil, etc.) mostra como estes mecanismos são diferenciados; os hemiplégicos articulam mal as palavras, como as criancinhas ou os negros primitivos; há outros, afásicos, que chegam a escrever correctamente.

A psicologia da linguagem, junta incontestavelmente funções estéticas do complexo neurogêneo especificamente humano, funções que precederam, no homem primitivo, a linguagem que foi aprendendo a pouco e pouco.

Como o leitor verifica, é bem verdade o que dissemos anteriormente, que a Raciologia é um estudo complexo, mas altamente interessante, para que possamos compreender os fenómenos sociais particulares a certas raças e seus cruzamentos. Desejaríamos ser menos extensos, o que não é

possível pois que nos reduziríamos a pouco mais do que enunciar os problemas sem os estudar.

Os leitores a quem esta ciência, que últimamente se desenvolveu muito, possa interessar, encontrarão nos futuros artigos, um melhor desenvolvimento de vários aspectos do problema. No próximo número trataremos da «Socio-linguística e concepção soviética», da «morfologia da sociedade e da linguagem», do «papel da psicologia infantil na propagação das línguas» e só mais tarde, nos ocuparemos do estudo da evolução dos portugueses e do seu carácter actual.

A INFERIORIZAÇÃO DA CRIANÇA

O facto de um filho se mostrar *inferior* em relação com as outras crianças da escola ou mesmo da família, é um factor de desgosto e mesmo de humilhação para os pais; mas este sentimento de inferioridade, não é menos penoso e humilhante para a criança, que se sente inferiorizada perante as outras e perante os adultos. Esta situação cria um estado psicológico que, se não se tentar transformar, se reflecte sempre sobre todo o seu futuro.

Este problema, que mereceu grande interesse ao grande educador, o Dr. A. Carnois⁽¹⁾, vai ser desenvolvido neste artigo.

A observação das crianças coloca-nos muitas vezes em face de problemas difíceis de resolver. Há pais que ficam desnorteados, não sabendo o que fazer perante certos defeitos dos filhos, que lhes parece serem incuráveis. Para estudar estes casos e intentar encontrar a causa dessas perturbações, ocorre-nos uma hipótese, que é a de saber qual é o papel preponderante que naquelas situações representa frequentemente a «*inferiorização*». Baseados nesta orientação, julgámos útil estabelecer um método terapêutico, que consiste em tomar a antítese dos factores inferiorizantes e submeter a criança a um tratamento de «*superiorização*».

A experiência feita por Carnois pareceu-nos muito concludente e convenceu-nos de que esse método era bom; por isso vamos desenvolvê-lo, começando por definir a inferiorização» e precisar as suas variedades e depois proporemos a terapêutica adequada.

Definição da «Inferiorização»

Inferiorizar uma criança é, ou fazer-lhe adquirir a consciência de uma inferioridade ou, o que é mais grave, criá-la nela.

Por exemplo: — Dizer a uma criança preguiçosa que ele é um *preguiçoso*, é confirmar-lhe que temos já essa opinião, na qual ele não

(1) Dr. A. Carnois — O drama da inferioridade.

acreditava; ele acaba por se habituar a essa ideia; sobretudo acha cómodo que os outros já tenham essa opinião. Mas o que é mais grave é que, se a acusação for falsa, por se tratar de uma pseudo-preguiça ou de uma preguiça accidental, por vezes provocada por mal-estar físico, corre-se o perigo de criar um *preguiçoso por auto-sugestão*. Qualquer dos processos determinou uma «inferiorização» do valor que o indivíduo tinha até então.

Inferiorizar, não é pois, comprovar uma inferioridade, o que às vezes é útil e mesmo indispensável; consiste em aumentar na criança a consciência desta inferioridade, até ao ponto de *criar um estado de inferioridade*.

Possuir algumas deficiências é uma situação normal; algumas são naturais, outras foram já adquiridas; as suas causas são diversas e algumas vezes o educador é o responsável por algumas delas. — Porém, deve a criança adquirir o conhecimento e uma consciência crescente dessas deficiências? — Este problema é tanto mais grave, quanto ele parece escapar a muitos pais e professores, inconscientes sem dúvida das repercussões negativas que esta consciência ou este *aumento de consciência* pode provocar na alma da criança.

A consciência de uma inferioridade, pode favorecer ou contrariar o seu desaparecimento — ou, pelo menos, atenuar os seus efeitos, porque alguns são essencialmente permanentes — segundo a maturidade intelectual ou moral da pessoa. Para um adulto, essa consciência pode ser o motivo de uma recuperação magnífica e de um enriquecimento da sua personalidade; proporciona uma razão para a luta, lança um incentivo para o esforço.

Às vezes, uma criança normal até aos 7 anos, começa a sentir-se incomodado, preocupada por reconhecer uma inferioridade, que vai aumentando com o tempo. Entre a infância e a idade adulta a consciência de uma inferioridade, começa a acentuar-se progressivamente, ou porque a pessoa a sofre, ou porque é posta em evidência pelas pessoas que a cercam; as consequências podem ser úteis ou perniciosas, em relação com a qualidade da intervenção educativa durante esse período. Mais adiante, referir-nos-emos às diversas formas que essa intervenção pode revestir, segundo as modalidades diferentes da inferioridade; mas podemos desde já enunciar um princípio, que é o de nunca limitar a intervenção à própria consciência, pois a consciência não é mais do que um ponto de partida e não um fim.

Nada é mais estéril ou desastroso do que contentar-mo-nos em assinalar uma deficiência e ficar por aí... Dizer a uma criança que é um guloso, um preguiçoso ou um ladrão, não serve para nada; pelo contrário, essa afirmação, sobretudo parecendo que é convicta, pode fazer agravar o defeito, se não se experimentar uma terapêutica, pois a criança a quem se afirma que tem esses defeitos, acredita e conforma-se com eles,

como se fizessem parte do seu carácter. Entre numerosos exemplos podemos citar o caso, demasiadamente frequente, para infelicidade das crianças e mesmo de muitos adolescentes, que aceitam, com uma passividade desconcertante, a reputação de não serem inteligentes ou mesmo a de que são estúpidos; no entanto, em geral, essa reputação faz muito mal e, a nosso ver, não há nada mais grave, do que limitar a acção educativa a uma simples comprovação de uma deficiência, que muitas vezes não existe senão na incompreensão do educador. A acção educativa passa a ser estéril, como seria um simples diagnóstico de uma doença, que não fosse seguido da terapêutica própria, pois a classificação da insuficiência sem o estabelecimento da terapêutica, pode gerar reacções negativas, piores do que o mal inicial.

É perigoso transformar uma *deficiência* em um *vício*. Pode perguntar-se: — Será proibido a um educador fazer adquirir a consciência de um defeito? — Não, desde que a dosificação do conhecimento do defeito for conduzida simultaneamente por uma intervenção curativa. Levar uma criança a tomar consciência da sua deficiência, não constitue um meio de o humilhar, mas sim de o melhorar, de levantar o seu moral. Frequentemente esta aquisição da consciência é feita pela própria criança e de uma maneira tão afectiva que o educador deve sempre procurar atenuar os seus efeitos deprimentes.

Efectivamente, há deficiências tão visíveis que seria crueldade pô-las em evidência perante o que as tem. Tenha ou não consciência das suas deficiências, o educador deve evitar inferiorizar a criança para poder exercer a acção educativa. *A grandeza da tarefa, exige do educador o cuidado de desenvolver na criança as suas virtualidades positivas*; a sua acção será facilitada pela aquisição da consciência, por parte da criança, de todas as qualidades que possui em germen e cuja importância desconhecia. Esta acção opõe-se à da intervenção inferiorizadora que mata a bondade virtual. Se a inferiorização é a fonte de muitos males, a superiorização *metódica* (e não sistemática) mostra-se como o prelúdio de uma educação perfeita.

Modalidades da intervenção

A inferiorização reveste muitas formas, segundo o agente que a provocou. Pode ser provocada pelos educadores. Toda a inferioridade em uma criança deve suscitar no educador um vivo desejo de a compreender e de a atenuar e, se for possível, de a suprimir; poderia dizer-se que na inferiorização pessoal o educador obra por omissão, por deixar a inferioridade realizar o seu trabalho de sapa na evolução da personalidade da criança; esta atitude pode causar graves consequências, como demonstraremos quando estudamos as compensações espontâneas, que é susceptível de provocar. Na inferiorização social o educador, ou favorece a

acentuação da inferioridade ou é ele que a cria, se não for capaz de a melhorar.

A INFERIORIZAÇÃO PESSOAL

Uma pessoa afectada por uma deficiência, dá a este conhecimento uma razão para se sentir deprimida, se não chegar a poder compensá-la ou a suprimi-la; é o que sucede quando a deficiência é incurável. O contacto diário com as outras pessoas faz fortalecer, por comparação, a impressão penosa que experimenta de se não sentir igual aos outros; a sua deficiência ataca então a tendência para se sentir igual aos outros e gera um sentimento de inferioridade, que vai aumentando à medida que a pessoa vai crescendo; na criança pequena não existe ainda este sentimento e é um erro atribuir-lhe nessa idade um «complexo de inferioridade»; mesmo mais tarde e ainda mesmo na adolescência só raramente a sente. Em 109 casos de inferiorizados que *Carnois* estudou detalhadamente, observou 19 casos de inferiorização pessoal, sendo doze com adolescentes dos 14 aos 17 anos e 7 dos 9 aos 12 anos. Todos tinham uma inferioridade congénita; sete sofriam de uma anomalia morfológica, cuja influência depressiva aumentava por ser visível; dois eram quase anões; dois tinham as mãos muito pequenas, para um corpo normal e dois tinham o pé em pinha; o sétimo afligia-se por ser de uma fealdade, devido a um achatamento de nariz que o desfeava horrivelmente; os outros dois sofriam de deficiências orgânicas; ciciavam de maneira tal que resistiam ao tratamento ortofónico; três tinham hipospádia, que é sem dúvida a deficiência orgânica que mais inferioriza os rapazes e oito sofriam de enuresia persistente. Voltaremos a referir-nos a estes casos, a propósito das consequências destas deficiências.

Há em todos estes casos uma inferiorização pessoal, porque encontra o seu ponto de partida na própria pessoa, sem qualquer intervenção de outra; se assim não fosse, as mesmas deficiências poderiam achar-se na origem de uma inferiorização social. Portanto, a distinção entre as duas espécies de inferiorização encontra-se menos na própria deficiência que no inferiorizador ou, por outra, menos na causa ocasional do que na causa eficiente. A inferiorização pessoal existe tanto mais no estado puro, quando nasceu e se mantém sem intervenção estranha, e às vezes é tão persistente que parece refractária a qualquer tratamento.

Por outro lado, como já dissemos, a inferioridade pessoal em uma criança põe sempre em jogo a responsabilidade do educador (pais ou mestres). Com efeito, podem apresentar-se duas hipóteses; ou a deficiência é incurável e neste caso o educador deve recorrer a todos os meios para evitar os seus efeitos depressores, ou a deficiência pode ser total ou parcialmente eliminada e, neste caso é imperdoável não intervir. Se no caso do achatamento de nariz, tivéssemos sujeitado o doente a uma ope-

ração plástica, poderíamos evitar o traumatismo moral que originou penosas consequências; o mesmo sucede se se não interveio a tempo na hipospadia ou no pé em pinha. Pelo que se refere à enuresia — que em alguns casos parece rebelde a qualquer tratamento é ela tão incômoda para a pessoa que a sofre, que é injusto fazer dela um motivo para o deprimir; no entanto há muitos pais que impõem um castigo aos que cometem esse delito: a experiência demonstra que só conseguem aumentar o mal, porque esta inferioridade que ataca geralmente as crianças nervosas, requer para a sua cura, um clima de calma; em vez de castigar, deve-se apaziguar; a sanção, neste caso, humilha e faz aumentar a inferiorização, dificultando o tratamento.

A INFERIORIZAÇÃO SOCIAL

Esta é criada por uma influência estranha à pessoa que já apresenta sinais de inferioridade ou a pode criar; em geral são as pessoas da família ou da escola que a provocam. Entre os atingidos, *Carnois* escolheu noventa, dos quais 61 eram inferiorizados «familiares» e 29 «escolares»; no entanto este grupo é infimo em relação com a multidão de inferiorizados; serviu no entanto para sobre eles se fazerem os estudos.

Os inferiorizados «familiares»

Os pais dificilmente se resignam a admitir os defeitos dos filhos. O que é normal é que sofram por eles; porém este sofrimento adquire um duplo aspecto, ou criado por uma reacção de *egoísmo* ou de *benevolência*, a qual não é mais do que uma expressão de simpatia, derivada do amor; é discreta, interior e inspira aos pais uma clara solicitude, dirigida para uma correcção útil, que não *inferioriza* e que, pelo contrário, eleva e superioriza; mas se, em troca, o sofrimento não for mais do que uma manifestação do amor próprio ferido, gera-se uma atitude malsã que favorece a duração ou o agravamento do defeito ou, o que é mais grave, terá consequências desastrosas para as reacções compensadoras da criança, que a poderia melhorar e salvar. Neste caso não há *correcção de um defeito*, mas *defeito na correcção*. Se o pai se sente humilhado pelas deficiências do seu filho, vai lançando essa humilhação sobre o próprio filho. Produz-se assim uma espécie de reacção vingativa em que o pai descarrega sobre o filho os fenómenos emotivos provocados por uma inferioridade não assente; esta atitude provoca medidas intempestivas, que agravam a inferioridade; entre essas vamos referir-nos a três, cujos resultados negativos se verificam frequentemente.

a) **A publicidade do defeito** — Pôr em evidência um defeito perante terceiros, é um dos mais poderosos factores da humilhação; a criança é tão sensível a este acto, que o teme desde os primeiros anos. Muitos

pais abusam desta atitude, porventura com o desejo de emendar o defeito, mas que só produz na criança uma reacção emotiva, cujos reflexos são de reccar. Para aceitar uma humilhação e responder com um esforço que tenda a compensá-la é necessário uma virtude experimental e rara que, só por si, já é o sinal de uma forte personalidade, bem equilibrada, fruto de uma ascenção pessoal metódica e constante e que nunca se deve procurar evitar na criança, mas antes acarinhá-la.

Porque será pois que tantos adultos recorrem tão fàcilmente ao método de «espicaçar» a criança, tão nefasto e inútil? É porque julgam erradamente que, por essa atitude a criança, reagindo, vencerá o defeito. Em geral, aproveitam-se da presença de amigos ou de parentes para humilharem a criança, pondo em evidência os seus fracassos ou deficiências, o que é grave.

O pai de um dos rapazes em estudo tinha inventado uma solução de educação, de que se sentiu orgulhoso: — Colocou na parede da entrada da casa quatro grandes cartazes; na cabeça de cada um, estava colocado em letras grandes, o nome da criança e a seguir a lista dos seus defeitos. Por fim e por conselho de um amigo, resolveu renunciar ao seu processo e ficou admirado quando lhe afirmaram que o seu procedimento era uma das medidas mais antieducativas que pudesse imaginar, pois que o seu coeficiente de inferiorização era tal que cortava na criança, todo o impulso para uma melhoria; com efeito, só conseguia que a criança se resignasse passivamente a essa humilhação, sem reacção para melhorar.

b) A comparação humilhante — Em todas as famílias em que há várias crianças é inútil procurar uma homogeneidade de aptidões intellectuais ou de qualidades morais. Os próprios pais verificam essa diversidade.

Por isso, seria injusto ter as mesmas exigências para todos; a igualdade, bem como a justiça, são questões de proporcionalidade. Que uma criança tenha menos valor do que um irmão é um fenómeno frequente e sem importância; trata-se de «aptidões» e não de «resultados» e por isso não se deve humilhá-la; essa criança merece uma solicitude cheia de compreensão e de indulgência; uma comparação humilhante e insistente, só conseguirá destacar mais a inferioridade relativa, de que ela por acaso já tem às vezes, uma consciência. O perigo dessa atitude, reside em uma espécie de aceitação passiva da sua inferioridade, que reconhece; se, por outro lado, se observarem resultados mediocres e pouco conformes com as aptidões, que são excelentes, a tentação de fazer a comparação com os resultados de outras crianças é sempre forte nos pais; mas se cedem a essa impressão, os resultados serão nulos e as consequências serão más; o perigo dessa atitude é criar frequentemente uma reacção affectiva contra o acto de inferiorização e contra o irmão que se cita para comparação. Deve pois proceder-se de maneira diferente.

c) **A correcção humilhante** — A criança aceita frequentemente, achando-a por vezes justa, uma sanção anunciada e infligida, à parte, sòzinha; mas se esta for aplicada diante de testemunhas, reage criando a rebeldia. A publicidade magoa-a mais do que o castigo. *A força exemplar desta prejudica o seu valor curativo*; esta é uma regra que se deve ter sempre presente em pedagogia!

A humilhação provoca sempre uma reacção afectiva de defesa; ataca a «aspiração à superioridade» que *Adler* tão bem analisou no «*Connaissance de l'Homme*» (pág. 22 e seguintes). Nada compromete tanto essa aspiração, tendência e progresso na formação da personalidade, como o castigo brutal, que fere e não cura, sobretudo quando é dado em presença de outros.

Mesmo, a falar a verdade, muitas vezes deixa de ser uma correcção para ser o desquite de um amor próprio ferido ou, o que também sucede frequentemente, sobretudo com algumas mães; constitue uma *descarga nervosa* em que a cólera triunfa sobre a razão, de que as modalidades são múltiplas, desde a injúria até ao castigo corporal, por vezes brutal.

O problema da responsabilidade é tão grave que não vacilamos, no exame das duas atitudes — a do educador que corrige brutalmente e a do educando que merece uma sanção — em nos pronunciar contra a primeira. Com efeito, se este tem o direito e talvez mesmo o dever, de castigar a criança culpada, tem a obrigação de empregar esta sanção como educativa. A honestidade e a falta de excitação que neste caso deve observar o educador, reside no respeito pela pessoa do culpável; será pois errónea, ou mesmo imoral, uma sanção que fira profundamente a alma da criança, perturbando o exercício normal das suas faculdades; não é permitido injuriar uma criança, expô-la a troças, dar-lhe castigos corporais, porque estes processos envilecedores irritam a sua sensibilidade e paralizam todo o esforço para se emendar.

Dos 40 exemplos de inferiorização na família, que foram estudados destacamos 30 casos em que foram empregados os castigos corporais; nestes 30, descobrimos 19 ladrões, 6 fugitivos e 5 viciosos; depois de ter estudado cada caso em detalhe, frequentemente ajudado pelos pais, pôde-se afirmar com toda a objectividade que aquelas consequências funestas se devem a correcções humilhantes.

Na esfera familiar a inferiorização acentua-se muitas vezes entre o irmão e a irmã; os pais põem em evidência a *superioridade* física ou intelectual de um, em relação ao outro, que se vai sentindo *inferior*; a vítima sofre, tanto mais que a realidade da sua inferioridade é posta sempre perante os seus olhos pelas pessoas que a cercam; este sofrimento vai gerando estados affectivos, depressivos e malsãos, como a tristeza e a cólera; essas crianças por vezes encontram um derivativo nas lágrimas, escondidas ou evidentes, ou em atitudes de rebeldia; muitas vezes não

se manifestam mas produzem estragos íntimos e solitários. A horrível melancolia de um «*Poil de Carotte*», historia que tantos conhecem, foi devida sem dúvida a atitudes não só de uma mãe desnaturada, mas também das vexações do irmão e da irmã. Este caso repete-se frequentemente na vida e *Carnois* diz que o encontrou em 7 casos entre 21 examinados, que foram inferiorizados por seus irmãos ou irmãs, que eram casos de emotividade doentia; os outros 14 observados reagiram pela cólera ou pela mentira, que foram os *fenómenos* de defesa que aquelas atitudes provocaram.

No próximo número continuaremos a estudar a «inferiorização, tratando particularmente dos «inferioridades criadas na escola e, como vimos por esta longa exposição, o problema da psicologia na educação tem a maior importância para a juventude e não a tem menor para os pais; o facto de poder salvar uma criança psicologicamente diminuída, de a transformar amanhã em um vitorioso, tem a maior importância; pelo contrário, podemos por inadvertência diminuir ou liquidar mais tarde, uma entidade que pode ser um repositório de valores a robustecer.

Continuaremos a estudar, as variadas causas que podem dar origem a uma *inferiorização*,.

CURIOSIDADES

O Pulmão cor de rosa e o Pulmão escuro Demonstração científica dos perigos do tabaco

A fim de procurar desencorajar a juventude, do hábito de fumar, os serviços de saúde americanos iniciaram uma propaganda, que a ANI acaba de telegrafar ao «Diário de Notícias» (8-Jan. 1968) que pela sua clareza e importância transcrevemos a seguir:

WASHINGTON, 7. — Quando «aquilo» entrou na aula ouviu-se um murmúrio. E, no entanto, o professor preparara os seus alunos durante uma hora para aquela imagem, exibindo o filme «O Magnífico», em que se mostravam os perigos do vício do fumo.

Além disso, tinha havido um colóquio, em que todos haviam participado, acerca do fumo e das razões que levam os fumadores a morrerem mais cedo.

Então a porta da aula abriu-se e a enfermeira da escola entrou com «aquilo».

O contraste era horrível: dois bocados de verdadeira carne humana, um deles rosado e elástico, flexível, o outro rígido, endurecido e escuro.

Eram pulmões humanos, preparados na Faculdade de Medicina do Colorado por meio de uma nova técnica, que permite simular os movimentos respiratórios.

O pulmão cor-de-rosa era saudável e respirava com facilidade. O escuro era rijo lutava para conseguir ar. Este pertencia a uma pessoa que fumava muito.

A apresentação dos pulmões humanos é uma das várias técnicas utilizadas nas escolas, desde que foi divulgado o relatório dos Serviços de Saúde, em 1964, sobre o cancro do pulmão, para desencorajar a juventude de fumar.

A ACÇÃO DO ÁLCOOL E DO TABACO SOBRE O CORAÇÃO E SOBRE O FÍGADO

II

No artigo anterior, estudámos a acção do álcool e do tabaco sobre o coração. Estudámos particularmente os efeitos da nicotina sobre a circulação e sobre a formação da trombose.

Vamos continuar este estudo, finalizando com um estudo da acção do álcool sobre o fígado.

Os efeitos fisiológicos do óxido de carbono, produzido pela combustão do tabaco

Ainda que a nicotina seja acusada de provocar todas as perturbações cardio-vasculares possíveis nos fumadores, outros produtos do fumo do tabaco, como o óxido de carbono, podem ter alguma importância sobre o aparecimento das doenças coronárias. A parte gasosa do fumo do tabaco contém cerca de 4 por cento de óxido de carbono. Esta percentagem pode, no fumador, aumentar até 10 por cento a taxa de saturação em carboxihemoglobina. O não-fumador tem geralmente menos de 2 por cento de saturação; além do deslocamento da oxi-hemoglobina, o óxido de carbono provoca uma dissociação para a esquerda da taxa da dissociação oxigênio-hemoglobina, o que é devido a uma elevação da afinidade de sangue para o oxigênio, resultante das concentrações elevadas em óxido de carbono que se acham no sangue dos fumadores de cigarro.

Os exames demonstraram, depois de se ter fumado, um aumento do *deficit* de oxigênio depois de qualquer exercício, o que provoca modificações na ventilação e uma diminuição no fornecimento do oxigênio ao sangue.

Uma elevação da afinidade do oxigênio para a carboxihemoglobina produz um *deficit* na liberação do oxigênio, que provoca uma anemia dos tecidos, a qual pode ter uma importância particular nos órgãos que têm necessidade de oxigênio (como o coração) e nos estados em que o fornecimento de oxigênio está já comprometido, quando há uma afecção vascular.

As primeiras modificações provocadas pelo álcool no fígado

Depois de termos estudado a influência do tabaco, vamos estudar a influência do álcool no coração.

O alcoolismo crónico leva até à hepatite, à necrose da célula hepática e finalmente à cirrose.

A acumulação das gorduras no fígado provoca alterações dos órgãos hepato-celulares e a fuga dos lípidos das células hepáticas é a causa da fibrose. Dois patologistas da *Mount Sinal School of Medicine* de Nova York, os Drs. Rubin e Lieber, tentaram separar as modificações hepáticas ultraestruturais, directamente atribuíveis ao álcool, das provocadas pela esteatose ou inflamações, comparando-as com as alterações mais precoces. Em dois doentes, com um passado de alcoolismo, mas abstinentes depois de hospitalizados, verificaram diversas modificações no fígado, aumento do volume de formação da célula hepática, aumento do retículo endoplásmico, degradação das células, por focos, aumento dos microcorpos, vesículas citoplásmicas salientes nas aberturas dos canaliculos e, ocasionalmente, modificações de degenerescência das células canaliculares.

O álcool exerce sobre o fígado das pessoas alcoólicas um efeito tóxico directo concomitante, ou mesmo precedendo a transformação gordurosa.

De todos estes estudos, resultantes dos exames feitos na massa dos tecidos obtidos por meio de biopsias em várias alturas, mostram que as pessoas que comecem a sentir sintomas de perturbação no seu fígado, sobretudo as que abusem regularmente das bebidas alcoólicas, se quizerem preservar a sua saúde, devem parar com as bebidas alcoólicas (quando muito, podem consumir o vinho em pequena quantidade às refeições e é aconselhável acompanhá-lo de água simples ou gasosa); para procurar melhoras no seu fígado, que antigamente só se podiam obter com regime alimentar e tratamentos hidroterápicos, a medicina hoje já põe à disposição dos médicos, os novos produtos lipotrópicos, que não só conseguem melhorar os sintomas, mas chegam a provocar a regeneração da célula hepática. Muitos doentes, antigos hepáticos, não só de origem alcoólica mas de origem infecciosa, como o paludismo, conseguiram no fim de alguns anos de tratamento, reduzir o seu fígado inflamado, aumentado de volume, às dimensões normais, com melhoria paralela da sua saúde geral ⁽¹⁾.

Tem-se verificado, mesmo em doentes que tiveram o alcoolismo crónico, melhorias sensíveis e até recuperações, em casos cujo prognóstico era de doença incurável e sujeitos a uma queda orgânica progressiva.

(¹) A associação de lipotrópicos, mais completa, conseguiu-se no medicamento Colimetina, que é uma associação de lipotrópicos (colina, metionina e inositol) ao complexo B e ao extracto hepático. Está por isso indicada em todas as doenças do fígado (hepatites, cirroses, intoxicações e infecções, principalmente as infecções palustres). Literatura e amostras à disposição dos Ex.^{mos} Médicos.



Um novo antibiótico de acção mais intensa

Eritina-Sanitas

Indicações --- Infecções agudas e crónicas por germes Gram-positivos, nomeadamente por estafilococos, estreptococos, pneumococos e meningococos. Revela-se também eficaz contra algumas bactérias Gram-negativas, rickettsias, certos virus e parasitas (amibiase aguda e crónica).

Pela baixa toxicidade e largo espectro de acção a Eritina torna-se o medicamento de eleição nas amigdalites, sinusites, bronquites, faringites, otites, osteomielites, endocardites, erisipelas, furunculose, piodermites, gonorreia e ainda em todas as situações com germes resistentes ou sensibilidade alérgica à penicilina.

Posologia --- Segundo prescrição médica. Nas situações correntes e infecções de média gravidade, a dose indicada oscila entre 1 a 2 cápsulas (250 a 500 mgrs.) de 6 em 6 horas.

Nas infecções graves, especialmente nas osteomielites e endocardites agudas, as doses terão que ser muito mais elevadas e durante um tempo prolongado, de preferência sob o controle prévio do antibiograma.

— Prepara-se em frs. de 12, 24 e 100 cápsulas.

Contra-indicações e efeitos secundários — Não existem praticamente contra-indicações para o uso de Eritromicina a não ser que estejamos em presença de germens resistentes a este antibiótico, o que é raro.

Os efeitos secundários, já de si mínimos com a Eritromicina base, são ainda muito menores com o uso do propionato de Eritromicina, sendo raríssimas as manifestações alérgicas que se limitam a prurido e erupções cutâneas e ainda mais raras as depressões medulares ou perturbações das funções renal e hepática.

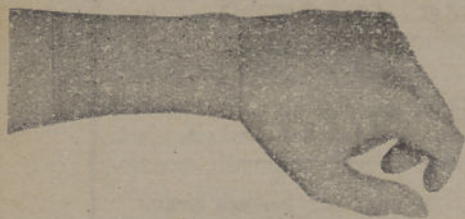
Contrasta ainda a Eritromicina em relação aos outros antibióticos de largo espectro, pelo facto de ter efeitos prejudiciais mínimos sobre a flora intestinal, sendo diminutos os casos de perturbação gastro-intestinal.

De entre os antibióticos de largo espectro, a Eritromicina, apresenta como característica fundamental a baixa toxicidade (Herrer-1958), sem perda de capacidade terapêutica, o que permite uma larga margem de manejo, com administração de doses elevadas durante tempo prolongado.

O Laboratório Sanitas reconheceu na Eritina (propionato de Eritromicina) o sal ideal pois, para a mesma dose oral, produz níveis sanguíneos mais precocemente elevados e mantidos durante mais tempo, além de uma toxicidade inferior à da própria Eritromicina.

«FUTURO»

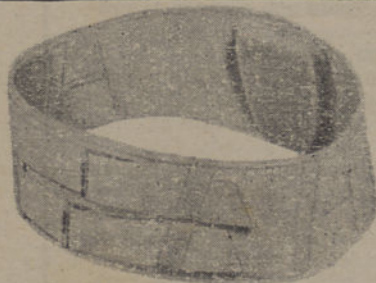
A mais variada e qualificada linha de suporte
e protectores para todos os fins



Precinta de pulso, modelo 43, elegante de excelente elasticidade, dando total conforto e aliviando a dor.



Joalheira reforçada, modelo 44. Óptima para todo o tipo de desporto e firme suporte para pessoas idosas. Grande conforto.



Cinta de sacroilíaco, modelo 47. Suporta com firmeza garantindo completa liberdade de movimento. Se o médico a indicar, toda a actividade se manterá. Jogar golf, jardinar, etc., todas as reflexões e torsões estarão amparadas confortavelmente.



Cinta redutora de hérnia inguinal, modelo 48, comodamente almofadada e dando inteira segurança na sua vida quotidiana. Todo o movimento e todo o esforço estarão defendidos. Os médicos aconselham-na; o herniado não a dispensa depois do primeiro ensaio.

Medicinália

LISBOA — RUA DO CONDE REDONDO, 74
PORTO — RUA DE SANTO ANTÓNIO, 211
COIMBRA — RUA FERREIRA BORGES, 9
LUANDA — RUA DO CARMO, 25
LOURENÇO MARQUES — SANITAS